

O Congado na cidade de Uberlândia: disputas, poder e divergências de memórias

*Jeremias Brasileiro*¹

Resumo: Este artigo discute a manifestação cultural e religiosa do Congado em Uberlândia a partir de uma perspectiva que perpassa por diferentes formas de disputas, que emanam das vivências culturais e se apresentam por meio de imagens, testemunhos e divergências de memórias. O período cronológico elegeu as disputas no âmbito dos festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na década de 1950 e avança até os dias recentes. O procedimento metodológico está associado ao uso de fontes orais e documentais, atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, depoimentos coletados por terceiros e recursos imagéticos, possibilitando dessa forma um entrecruzamento de fontes na constituição teórico - metodológica.

Palavras-chave: Congado. Cultura. Disputas. Contemporaneidade.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the cultural and religious manifestation of Congado in Uberlandia from a perspective that goes through different forms of disputes. Those disputes comes from cultural experiences and are shown by images, testimonies and diverging memories. The chronological period comprises the disputes that occurred during the Our Lady of Rosary and Saint Benedict Parties from the 1950 's to present days. The methodological procedures includes the use of oral and documental sources, the written records of Our Lady of Rosary and Saint Benedict Fraternity, materials collected by third parties and image resources the use of all these documents contributed in crossing the sources throuafhout the theoretical and methodological procedures.

Keywords: Congado. Culture. Disputes. Contemporaneoursness.

¹ Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Uberlândia. Esta discussão faz parte da dissertação (Mestrado em História) – *O ressoar dos tambores do Congado* - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas. (1955-2011). Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

Identidade étnica e resistência cultural: a persistência de ser e viver o Congado em Uberlândia

O tema do Congado na cidade de Uberlândia vem sendo estudado desde o início da década de oitenta do século XX. O que o pauta desde então são proposições – voltadas para aspectos festivos, étnicos, musicais, estéticos, religiosos, passado tradicional – que ora se aproximam ora se distanciam, dentro de suas especificidades, tendo no âmbito da produção acadêmica várias abordagens.

Assim, ser congadeiro (a), pertencer a um grupo de Congado, não significa apenas participar da festa do Congado. Além do ritual existe um compromisso a ser vivido durante todo o ano para que a visibilidade do momento da festa se torne mágica e mais uma vez se concretize. Isto tudo envolve responsabilidade com os diversos eventos, que se somam no decorrer do ano para resultar em mais um acontecimento, uma continuidade de crença, de fé, de afrodescendência se resignificando. Todo esse processo está a ser desvelado e nele se entranham as transformações, os conflitos, as relações políticas e institucionais, os interesses, e as disputas em torno da essência da fé. Será essa a trilha a perseguir.

Desse modo, a presente discussão está embasada em considerações teórico-metodológicas inseridas na perspectiva da história cultural e envolve a utilização de testemunhos orais a

partir de uma concepção que abrange a micro-história, contemplando a discussão de documentos, de imagens, de depoimentos coletados por terceiros, de atas manuscritas, de textos oficiais e de musicalidades, entre outros. Esse *corpus* documental se fundamenta nas análises propostas e possibilita pensar em conceitos pertinentes à cultura e tradições, renovações e mudanças, tendo como problema principal discutir os diversos modos pelos quais as disputas de (e por) memórias, envolvendo os sentidos de pertencimento, podem ou não se refletir nas tensões internas do (e no) Congado de Uberlândia. Para lidar com tal problema o objeto em discussão está centrado tanto na observação da relação entre Igreja/Irmandade, quanto da relação Irmandade/Grupos e também com órgãos públicos.

Uma visão dual a respeito do Congado está presente em documentos oriundos da década de 1930, em atas da Irmandade do Rosário Perpétuo da Igreja Matriz de Santa Tereziinha, conhecida como uma Irmandade constituída por pessoas brancas e da elite religiosa de Uberlândia, quando observa-se uma, quase natural, contextualização desses “olhares sobre os outros” de modo pejorativo, ao fazer referências sobre a festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Vejamos fragmento de atas em que se nota uma percepção, uma posição que se via na responsabilidade de dar exemplos aos congadeiros que, supostamente, não sabiam comportar-

-se socialmente e ainda descaracterizavam os rituais religiosos:

Convidou-nos para acompanharmos a procissão e manter ordem e respeito, o que não observam os homens de cor, quando fazem suas danças, confundindo festa religiosa com folgedos carnavalescos. [...] avisou-nos também o Senhor Cônego Diretor, da próxima festa dos pretos, a realizar-se no dia 14 próximo, [novembro, 1937], que fazia questão da cooperação da Irmandade não só por ser homenageada, Nossa Senhora do Rosário, como também em sentido de bom exemplo e caridade aos pretos.²

Faz-se necessário lembrar que, na história dos relacionamentos étnicos, as Irmandades dos homens de cor foram primordiais no combate à intolerância religiosa e ao preconceito social e racial motivado pela cor de pele. Ainda que vinculadas à Igreja Católica, muitas assumiram papéis importantes durante e após a escravidão. No caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, é necessário observar que foi constituída dentro de um contexto urbano, no qual já existia uma elite social explicitamente preconceituosa.

Uma das situações que envolvem o Congado e seus personagens é que, geralmente, a sociedade ou grupos que pretendiam impor-se econômica e culturalmente, são obrigados a “suportar”

² Atas da Irmandade do Rosário Perpétuo, da Igreja Matriz de Santa Terezinha de Uberlândia, novembro de 1937. Acervo do pesquisador.

os congadeiros sem que isto signifique respeito. Para evitar constrangimento e serem reconhecidos como “politicamente incorretos”, discriminadores e preconceituosos, determinados grupos sociais, sob a abóboda do encantamento por uma cidade progressista, futurista, de construções personalistas, não denotam, assim, suas intolerâncias, que são diluídas internamente de tal forma a não surgir à superfície.³

Pensar nesse contexto de discriminações nos leva a retomar Carmo, ao refletir sobre o preconceito para com a população negra de Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960 quando, na “ausência de uma melhor convivência entre negros e brancos, os espaços de vivência ganham contornos timbrados com as marcas dos modos de vida das pessoas e da intolerância de um grupo”.⁴ Cenário físi-

³ Vários pesquisadores já se debruçaram sobre este tema, dentre os quais: DANTAS, Sandra Mara. *A fabricação do urbano: civildade, modernidade e progresso em Uberlândia/MG (1888 -1929)*. Tese (Doutorado em história) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009; LOPES, Valeria Maria Queiroz Cavalcanti; MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Violência na disciplinarização do espaço urbano em Uberlândia: representações e imagens (1950-1980)*. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia, n. 26. Ano 13, 2000; ROSA, Ivani. *O preço do progresso: uma reflexão em torno de vida do uberlandense frente a política desenvolvimentista*. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia, n. 28/29. Ano 14, 2001; MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia*. *História & Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, n.4, jan/jun.1991; PACHECO, Fábio Piva. *Mídia e poder: representações e símbolos do autoritarismo na política em Uberlândia (1960 -1990)*. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia: EDUFU, n. 30. Ano 15, 2002.

⁴ CARMO, Luis Carlos. *Função de preto: traba-*

co de um processo de discriminação latente, a memória social não esquece “as segregações espaciais em praças públicas e em cinemas, dos padres que se recusavam a batizar crianças brancas pelo fato de um dos padrinhos ser negro”⁵ e as práticas religiosas da comunidade negra, já enfrentando o particular preconceito, fato que não era novidade, apenas agregava mais um complexo componente ao universo relacional existente entre afrodescendentes e brancos.⁶

Esta análise de Carmo é reforçada pelas reflexões de Júlio César ao tratar da questão do racismo explícito em Uberlândia. Para César, o espaço urbano, ruas e avenidas, era fragmentado em decorrência da discriminação social e racial e que mesmo os espaços centrais como das ruas Santos Dumont e Guarany, por exemplo, não eram permitidos aos pobres e aos afrodescendentes. Neste caso, os profissionais da música e da cozinha enfrentavam menor discriminação racial e social por utilizarem tais lugares como fonte de trabalho e não de lazer. A discriminação não era uma prática restrita aos bordéis situados no centro da cidade, o racismo também era praticado nos clubes e bares.⁷ Esses fatores porém, não eliminam os cuidados necessários

para que se evite a naturalização dessa temática, tendo cautela para não continuar reproduzindo no presente a questão do negro como mero produto oriundo do escravismo persistentemente mitificado por meio de um discurso que representa esse negro como um eterno vitimizado.⁸

Por outro lado, é necessário perceber que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito é constituída em meio a focos de tensões, de embates culturais, políticos, sociais e religiosos, estabelecendo-se, ao longo das décadas, dentro de um campo conflituoso, em que as demandas surgem no seu próprio âmago e externamente também. Havia disputas internas dessa Irmandade, em que grupos se rebelavam e não aceitavam pagar determinadas percentagens em dinheiro, resultantes das arrecadações dos leilões durante a realização das “folias”. Havia, além do mais, outros dissidentes que realizavam por conta própria uma festa para São Benedito no mês de maio, no Bairro Martins, caracterizando, desde essa época, uma luta por identidades próprias através de disputas dos espaços socioculturais, políticos e religiosos.

É neste sentido que penso a respeito da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia – levando em consideração que

lho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica - PUC/São Paulo, 2000, p. 127-128.

⁵ CARMO, op. cit., p. 133.

⁶ Ibid., p. 132.

⁷ OLIVEIRA, Júlio César de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960*. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 79- 80.

⁸ Cf. o uso do termo “vitimizado histórico” abordado em texto de transcrição editada de palestra do historiador Eduardo França Paiva. Povos das Minas no Século XVIII. *Cadernos da escola do legislativo*. Belo Horizonte, v. 11, n. 16, p. 44-46, jan./jun. 2009.

foi constituída num tempo histórico diferente, início do século XX – e sua importância no contexto sociocultural do Congado na cidade, quando se nota que no seu interior congregam atualmente vinte e seis grupos, os quais terminam por referendá-la como a instituição que se relaciona diretamente com os poderes públicos, eclesiásticos e sociedade civil, o que não elimina, porém, a existência de discordâncias internas entre os próprios grupos e destes grupos com a Irmandade.

Em Uberlândia, por exemplo, o Congado foi visto por muito tempo como evento de baderneiros e de gente mais velha, negatizando-o de tal maneira que os adolescentes tentavam evitá-lo quando atingiam seus quinze anos, ao contrário do que ocorre atualmente em que crianças e jovens querem de toda maneira participar da festa do Congado, que se tornou também uma vitrine de exposição da auto-estima e de representação positiva para afrodescendentes. Torna-se pertinente nos dias de hoje falar que o Congado, mais que festa, mais que tradição, é manifestação de pertencimento negro, é de origem africana, mas envolve uma diversidade de perspectivas em que afrodescendência não se traduz numa determinação específica de cor.

O Congado pode ainda representar um motivo de ascensão social e intelectual. Deparei-me com testemunhos de congadeiros nesse sentido, por exemplo, os negros que não tinham escola, saúde e que por meio desse ritual

religioso encontram mais que devoção e diversão, tornaram-se, para os outros, referência positiva por chegarem a outros espaços dos quais eram e se sentiam excluídos. Nesse cenário, deixa de ser uma cultura associada a pingüços, cachaceiros, congadeiros que só batem tambor e não gostam de trabalhar na segunda feira, para se tornar parte do patrimônio cultural do município.

Noutro aspecto, procuro interpretar o vácuo, o silêncio e o não dito e demonstrar, por fim, que uma irmandade, próxima de completar um século de existência, pode não ser um simples produto cultural de família que a gerou e conservou de maneira harmoniosa, pois diversos embates internos e externos terminaram por consolidá-la a cada década. Com referência às resistências internas, verifico que algumas práticas culturais e religiosas, não desejadas pela Irmandade do Rosário e a Igreja, continuam a existir. Isso demonstra que as instituições hierárquicas não conseguem transformar os devotos do Congado em simples e submissos fiéis católicos praticantes e assíduos à Igreja - a Irmandade tem dificuldades de impedir e excluir atos e ritos de religiosidade de matriz africana, nos rituais congadeiros.

Quanto ao poder público, que em determinados momentos históricos, como nos anos de 1980 até os anos de 2010, tenta apropriar-se e fazer dessa prática cultural do Congado uma atividade sua, que represente mais um dos “cartões postais” da cidade, no entanto,

tem-se que os discursos de pertença dos protagonistas dessa prática divergem dos anseios desse poder e não são poucas as vezes que surgem disputas pontuais entre Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito com a própria Prefeitura da cidade, embora essas disputas permaneçam no plano das contestações simbólicas e não avancem no sentido de se construir rupturas mais orgânicas.

Investigar novas possibilidades a partir de outras fontes e documentos, lendo nesses e em outros fragmentos novas maneiras de apreender realidades até então inexploradas, foi sem dúvida um exercício cognitivo importante, que contribuiu sobremaneira para esse momento. Desta forma, compreendo o quanto pode ser nocivo produzir ou querer legitimar a existência de um passado único, baseado em certezas e verdades, quer seja por meio de discursos historiográficos ou de testemunhos orais, sem confrontar outros documentos que, mesmo dispersos, sinalizam para a existência de possibilidades diferentes, não de negação do passado, mas de entender que a dinâmica do presente é resultante de processos de disputas produzidas no passado.

Cultura também é poder: disputas internas em nome da fé

Ao deparar-me com documentos – por meio de atas⁹ – e testemunhos

⁹ É preciso considerar que as atas que menciono, foram selecionadas e digitalizadas para ficar

coletados por terceiros sobre a Festa do Rosário, a Irmandade do Rosário e a construção da Igreja, observei que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, por exemplo, na tradição oral remonta à época da escravidão, estatutariamente se instituiu no início do século XX (1916), que a sucessão aos cargos de Presidente e Vice Presidente foram pelo fator de hereditariedade, como consta em estatuto a partir do ano de 1985.¹⁰ Quanto à sucessão relativa à organização da Festa do Rosário, vários personagens envolvidos na manifestação e citados pelo memorialista Tito Teixeira não compõem a memória da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Vejamos um relato de Tito Teixeira:

A história das festividades dos pretos em Uberlândia vem desde a abolição e dentre os demais, destacamos o José Rodrigues, vulgarmente conhecido por José da Lagoinha [...] Dos seus companheiros de festejos, lembramos do Antonio “Direitinho”, José Francisco Vargas, Antonio Joaquim Riveras, Mário Rita de Jesus e do Iziquiel. Depois do José da Lagoinha, veio o Manoel Angelino, que capitaneou a equipe de negros dançadores, por muitos anos, vindo a suceder-lhe o general Sebas-

à disposição no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, refletindo versões parciais de várias reuniões da Irmandade, sendo que em alguns casos, períodos importantes que vão de 1917 a 1931 não estão disponíveis.

¹⁰ Parágrafo 2º do art. 1º do Estatuto da Associação “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens de Cor de Uberlândia” de 01 de outubro de 1985, registrado em cartório de 3º ofício de Uberlândia, no dia 07 de abril de 1989. Cópia, acervo do pesquisador.

tião Ramos que levantou o moçambique e chefou as duas turmas pelo espaço de 42 anos.¹¹

Esses elementos fornecem dados que denotam a alternância de administradores na condução dos festejos em louvor a Nossa Senhora do Rosário e na administração da Irmandade, alternâncias que, no entanto, demonstram a repetição de determinados membros e de determinadas famílias. A documentação em análise é constituída de várias lacunas temporais em que determinados períodos com livros de atas e muitos outros não;¹² o que impossibilita o acesso a outras informações, às quais se poderia chegar através de testemunhos orais, entretanto, todos esses personagens já morreram. Neste sentido, compreendo que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, juntamente com a prática cultural do Congado na cidade de Uberlândia representam um passado em contínua construção, fazendo com que a esses testemunhos, a essas memórias, seja atribuída “uma representação do passado”.¹³

Em doze de julho de 1916, quando é constituída, a Irmandade conta com a presença de vinte e cinco membros,

também considerados fundadores. Em junho de 1918, esses membros da Irmandade solicitam ao bispo a aprovação do compromisso assinado na capela local, filial da igreja matriz. Conforme se verifica no documento, a instituição é constituída pelos pretos da freguesia, tendo como propósito a glorificação da Virgem Maria, bem como a santificação das almas, devendo inteira sujeição à autoridade diocesana, não podendo alterar os compromissos estatutários assumidos sem a devida aquiescência de seus superiores.¹⁴

Entre os compromissos destaca-se o da administração dos irmãos¹⁵ que, a todo ano por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário, e independente da presença do pároco local, deveriam reunir-se em assembleia geral para elegerem por escrutínio ou aclamação o Mordomo, no sentido de exercer a administração temporal da Irmandade, cuja presidência duraria por um ano e poderia ser reeleita.¹⁶

Neste desenrolar, surge, porém, na revisão do compromisso a interferência eclesiástica de modo a não permitir uma possível autonomia dos Irmãos do Rosário, reformulando dois itens principais que tratam da possibili-

¹¹ TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Uberlândia Gráfica LTDA, 1970, vol. 1, p. 183.

¹² Versões parciais de várias reuniões da Irmandade, pois há períodos importantes que não constam em atas, como, por exemplo, entre as décadas de 1920 a 1940.

¹³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [Etal.] - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 170.

¹⁴ Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia (28 de junho de 1918). Acervo do pesquisador.

¹⁵ Trata-se dos membros associados da Irmandade, principalmente os Capitães de Congado, que elegiam anualmente um grupo de pessoas para a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário.

¹⁶ Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, artigo 14 do capítulo III e artigo 18 do capítulo III. (04 de junho de 1916).

dade de se constituir bens patrimoniais e da extinção quando a autoridade diocesana o desejasse. Assim, determinava que se devesse constar nas disposições permanentes a obrigatoriedade de “prestar contas à autoridade diocesana anualmente e todas as vezes que for convidada” e ainda que “não assumirá nem exercerá a personalidade jurídica sem pura e expressa autorização da autoridade diocesana”.¹⁷

Com o conjunto de informações reunidas por meio de atas, presencio o perfil da igreja católica para regular a existência de uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito em pleno século XX. Cairo Katrib, em seus comentários sobre a relação entre igreja e irmandade, ressalta que no período colonial a Igreja Católica “interferia na organização de confrarias ou irmandades exclusivas para negros” e que essas, principalmente em Minas Gerais, terminavam por se estabelecer nas regiões auríferas, atuando como extensão catequética do catolicismo no intuito de “garantir a manutenção e reforçar os valores éticos e morais da Santa Madre Igreja e, ainda, controlar os cultos religiosos dos negros e sua organização”.¹⁸ Esse modelo de controle

instituído por meio de regras estatutárias, regimentais e diretivas¹⁹ foi e continua sendo inerente às irmandades mineiras ou associações civis de congados.

Dentre muitos, destaco que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito enfrentou um conflito, em específico, com relação aos festejos do Congado em Uberlândia, principalmente no que se refere a uma festa paralela, também em homenagem a São Benedito que foi realizada entre meados da década de 1950 até por volta de 1966 no Bairro Martins, é também interessante para evidenciar as disputas de poder e de memórias. Essa festa do Congado era organizada por grupos que não participavam da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, e rivalizam-se com a Irmandade ao realizarem os festejos congadeiros junto às comemorações decorrentes da abolição da escravatura no dia 13 de maio.

Por se tratar de eventos separados e organizados por comunidades distintas, destaca-se um movimento, feito em abril de 1955, pelo Frei Adalberto Maria, convidando o presidente Elias Francisco Nascimento para ser o parainfo e assistir a benção a São Benedito na Igreja de Nossa Senhora de Fátima,

¹⁷ Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, artigos 32 e 33 do capítulo VI. (04 de junho de 1916).

¹⁸ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Foi assim que me contaram*: a recriação dos sentidos do sagrado e do profano na festa do congado de Nossa Senhora do Rosário-Catalão - GO, 1940 - 2003. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2009, p. 127.

¹⁹ Em Uberlândia há um estatuto de normas gerais e um regimento interno que regula comportamentos dos congadeiros associados à irmandade e praticantes do Congado, outros casos há somente estatutos e muitos que assumem funções diretivas em épocas de festas do Congado de maneira temporal, além das associações de grupos de congados sem vínculos formais com a igreja, mas que se juntam a esta nos períodos que ocorrem os festejos.

reforçando que convidada toda a “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e todos os homens de cor para que neste dia houvesse a comunhão pascal desta irmandade e que assim conseguisse nos anos vindouros a comunhão pascal desta Irmandade.”²⁰

A reflexão a partir desse documento ilustra o desejo do pároco de promover a conciliação entre os grupos de Congado, por meio da comunhão pascal e de demonstrar a necessidade da presença não só da Irmandade, mas de “todos os homens de cor”, visto que na Irmandade também existiam pessoas brancas.²¹ No entanto, surgiu uma Associação Religiosa e Civil de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, também de congadeiros, do Bairro Martins, Roosevelt e adjacências, registrada em cartório civil no ano de 1962, para dar continuidade à realização desta festa.

No final da década de 1960 a festa de São Benedito, no mês de maio, no Bairro Martins, e a Irmandade que fora recém-criada para tal fim deixaram de existir. Sobre essas comemorações separadas²² e porque a festa acabou, ob-

tive as primeiras informações por meio de um relato do congadeiro José Rodrigues:

[...] em Uberlândia tinha muitos ternos, mas aí os da Vila Martins separou com os da Vila Operária e aí os de lá foram acabando e os de cá foram ficando, dos de lá que acabaram tinha o Camisa Amarela do Sô Vicente, o Boa Esperança, o do Osmar, do Sô Fidico, o Camisa Cor de Rosa, o Sô Protázio tinha um grande Moçambique junto com o irmão Ologir e aí depois do Ologir deixar o terno, o Sô Protázio arrumou de novo, mas depois que morreu, acabou.²³

As palavras de José Rodrigues interessam à reflexão por tratar de um testemunho, sobre o ocorrido depois de 40 anos, num momento em que falar sobre a festa de São Benedito do Bairro Martins era uma situação ainda tratada com timidez pelos congadeiros. Neste cenário é pertinente verificar a leitura que Francisco Cassimiro apresenta sobre os eventos ocorridos no Bairro Martins, na ocasião dos festejos em homenagem a São Benedito, realizados no mês de maio. “A festa de São Benedito era no Bairro Martins, o santo era nosso, era separado, nós do lado de lá, os outros de cá”, declara Francisco Cassimiro, que dançou no Congo Boa Esperança, na década de 1960.

A expressão, o “santo era nosso” denota posse simbólica da imagem e

²⁰ Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia (18 de abril de 1931). Acervo do pesquisador.

²¹ Entre as quais se destacavam figuras conhecidas, como Abelardo Pena, e pessoas da família Naves (donos do frigorífico Omega) e posteriormente, com a presidência a cargo de Deny Nascimento, o advogado Antonio Aparecido (Cidão). Entrevista com Rubens Aparecido Assunção (22/06/2011).

²² Importante situar que atualmente existe uma Festa de Congado em homenagem a São Benedito, também no mês de maio, na Igreja de São Benedito, no Bairro Planalto, que em 2012 completa dez anos de comemorações, mas são enredos históricos diferenciados.

²³ RODRIGUES, José. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2000. BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001, p. 42.

do festejo em homenagem a São Benedito, onde os do “lado de lá” (Bairro Martins) realizavam a festa de São Benedito no mês de maio, e os do “lado de cá” (Igreja Nossa Senhora do Rosário) faziam seus festejos no mês de novembro. Francisco Cassimiro diz que “havia uma igreja para São Benedito no Bairro Osvaldo, era coberta de palhas, num lugar mais distante do Martins [atual Rua Ângelo Testa] no Bairro Osvaldo”. O ex-congadeiro revela: “depois é que foi tudo para a Igreja do Rosário, até mesmo o São Benedito! Então misturou todo mundo!”²⁴

O testemunho de Francisco Cassimiro recordou-me uma observação surpreendente, surgida durante uma entrevista com o presidente da Irmandade do Rosário, Deny Nascimento, que também evidencia uma divisão no Congado:

O Tio Cândido era da outra turma lá de baixo! Era contra nós o Tio Cândido! Eles queriam tomar a igreja do Rosário de meu pai! Mas tinha o Zé Carneiro, o Landes, o Siricoco! Eles lutaram e não deixaram! Aí essa turma lá do Martins arrumaram uma igreja de São Benedito lá no Martins, foi uns quatro, cinco anos, mas também morreu! Aí meu pai chamou Tio Cândido e Tio Cândido ficou assim, !?!? E aí ele passou para cá e ficou como Comandante no lugar do meu tio, Theófilo Nascimento.²⁵

A construção da análise faz uma viagem do presente ao passado e de retorno com a mesma desenvoltura. O sentido de pertencimento simbólico e também material aflora nos apontamentos dos entrevistados: “eles queriam tomar a igreja do rosário de meu pai”. E fica explícito na narrativa do Presidente da Irmandade, uma forma que a instituição encontrou para lidar com tal situação: “era contra nós o Tio Cândido [...]. E aí ele passou para cá e ficou como Comandante no lugar do meu tio...”. Mas quem era o Tio Cândido e essa turma “lá de baixo”? Francisco Cassimiro fornece alguns detalhes a respeito desses personagens:

[...] o Tio Cândido era de lá, da turma do Bairro Martins. O Panamá era perto do Congo Beira-Mar do Tio Cândido e o Panamá era do Velho Panamá. Era um duelo entre os dois [ambos do Bairro Roosevelt]. Tinha o Moçambique do Tomix, eles usavam umas vestes cor de rosa, e esse tal de Tomix, ele era um cara “Ganga²⁶”, de cabeça redonda, olho verde, era aquela cor, atarracadinho, sem pescoço. Eu tenho uma memória muito boa, nasci em 1954, dancei no Congo Boa Esperança, eu era pequenino, isso em 1959, eu devia ter meus 05 anos de idade.²⁷

“Eu tenho uma memória muito boa”, afirma Francisco Cassimiro sem

²⁴ CASSIMIRO, Francisco. Depoimento, 05/10/2010.

²⁵ NASCIMENTO, Deny. Entrevista, 10/11/2010.

²⁶ Ganga é um termo que designa sacerdote gentio, de origem banta congoleza, mas no Congado, especialmente nos grupos de Moçambiques, pode representar curandeiro, benzedor, amarrador de congos, enfim, de religiosidade afrobrasileira.

²⁷ CASSIMIRO, Francisco. Entrevista, 07/12/2010.

denotar hesitação. O entrevistado estava lá, seu pai estava lá, e a presença de ambos materializados numa imagem de época surge como uma realidade visível. O narrador chama seu filho, pede que lhe traga uma caixa com fotografias, remexe-as, tira uma delas, olha e diz narrando a própria fotografia: “está vendo essa aqui? É do Boa Esperança! Esse aqui sou eu! Esse sou eu! Aqui oh! Esse menino com o pandeiro!”²⁸

Durante uma hora de diálogos Francisco Cassimiro, ao revisitar suas memórias, faz questão de referendar algumas, sinalizando para aspectos que compõem a imagem, que na maioria do tempo fica em suas mãos. Assim, identifica alguns dos personagens presentes na imagem, os objetos e indumentárias nas cores originais, a sua importância simbólica, reafirmando que presenciara e vivera naquele contexto.

O Congo Boa Esperança (imagem 01), filiou-se à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito no ano de 1952,²⁹ participou da Festa de Congado em Homenagem a São Benedito no Bairro Martins até meados da década de 1960. As argumentações de Francisco Cassimiro – evocando como testemunha uma imagem no sentido de provar na sua materialização que de fato “estava lá” – remete às reflexões de Paul Ricoeur, quando o autor analisa a necessidade que aquele que testemunha sente de provar que seu testemunho é válido,

A especificidade do testemunho consiste no fato de que a asserção de realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha. Desse acoplamento procede a fórmula típica do testemunho: eu estava lá. O que se atesta é indivisivelmente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência.³⁰

O testemunho se apresenta e representa como fonte de credibilidade, independente de ser um testemunho individual, e compõe o universo de um grupo social no qual se encontra inserido, fundamentando também, desse ponto de vista, a permanência de uma memória. A reunião de congadeiros, numa fotografia do Congo Boa Esperança, traz à luz uma rara oportunidade de encontros entre o texto, o testemunho e a imagem relativa à representação de um passado, não distante, mas com poucas informações documentais. Conviniente se faz ressaltar as observações de Mirtes Oliveira, nesse contexto, ao dizer que “uma concepção de produtos imagéticos que só se atém às suas possibilidades documentais [...] e determinados por documentos escritos, esquece a construção cultural historicamente elaborada por agentes sociais [...] e principalmente suas funções diferentes daquelas dos documentos escritos”.³¹

²⁸ Idem.

²⁹ Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia (02 de setembro de 1952). Acervo do pesquisador.

³⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [Etal.] - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 172.

³¹ OLIVEIRA, Mirtes C. Marins de. Sobre as (im) possibilidades da fotografia como fonte primária em história da educação. *História do tempo presente*. JUNIOR, Gilson Pôrto. (Org.). Bauru, SP: Edusc, 2007, 210-211.

Imagem 01 - Congo Boa Esperança, 1959.³²



CASSIMIRO, Francisco. O local é nas imediações da atual Praça do Rosário - (Praça Rui Barbosa) em Uberlândia.

Fonte: Acervo do pesquisador

Ainda no tocante à imagem, têm-se duas mulheres e um bebê, elementos que já configuram a participação familiar na construção do Congo Boa Esperança. É um documento que permite estudar a forma de organização do grupo e por meio do testemunho, da memória, reconstituir algumas de suas práticas rituais e também estéticas. As indumentárias dos ternos de congado, faixas e capacetes são portadores de significados e não simples adereços estéticos. É possível ainda visualizar itens que caracterizam a época de 1959 nas imediações da Igreja do Rosário: os quintais, as mangueiras, local de vassouras (arbustos do cerrado) e de bambuzal. Na composição do ritual das vestes, predominava o amarelo e verde, (impedidos de ver pela reprodução em preto e branco) além de fai-

xas cruzadas, presas ao corpo. A estrela, o capacete, a igreja, uma representação da fé em dois tempos distintos, mas conectados ao corpo. Nas faixas a predominância de sentidos ligados à religiosidade de matriz africana e no capacete a presença de símbolos da religião cristã.

A questão da espiritualidade fazia-se presente nas faixas cruzadas na frente e nas costas dos dançadores, amarradas à direita e esquerda da cintura, um fechamento de corpo, um corpo cruzado de tal maneira que era proibido retirar tais vestimentas antes do término dos rituais. Ao lembrar a época mística do corpo fechado, Francisco Cassimiro diz que: “a gente ia deitar lá no quartel do Congo Boa Esperança, na casa da Dona Itelvina, no Bairro Osvaldo, que era festeira, a gente deitava nuns bancos de

³² Personagens de pé, da esq./direita: 3º, Sr. Ambrolino; 5º, Tio Tiãozinho (Padrinho de Maria Irene, da Tenda Coração de Jesus). Personagens agachados e crianças da esq./direita: 1º, Jesus

Cassimiro (Sr. Zuza); 3º, Criança segurando pandeiro (Francisco Cassimiro); 4º, Capitão Orozimbo; 5º, Menino Beto (Neto de Orozimbo); 7º, Tio Caristo.

madeira e tinha de deitar com as faixas, ninguém podia tirar a faixa do corpo”.³³

O autor Stuart Hall fala de uma representação corporal quando aborda o mundo cultural dos negros e seus repertórios de contranarrativas, sugerindo que é preciso pensar em “como essas culturas têm usado o corpo como se fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação”.³⁴

Ao pensar na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, principalmente nas décadas de setenta e oitenta do século XX, a escassez de fontes documentais, inclusive no que se refere à ausência de atas ou ao seu acesso, estes são problemas ainda a ser enfrentados. É um período de vácuo no que concerne a registros da instituição ou da dificuldade, reafirmo, a importância de saber onde estão. No início dos anos de 1980, é possível termos vários testemunhos orais transcritos, oriundos principalmente de gravações realizadas pela Secretaria de Cultura com vários personagens do Congado de Uberlândia, entre os quais alguns permitem compreender que os conflitos com (e na) Irmandade continuavam, sendo que dos novos personagens em cena, a Igreja surge nos testemunhos orais como uma das principais opositoras à festa do Congado, conforme extraído da fala de Rubens Assunção:

Estava interessado por tudo que acontecia, as histórias da Irmandade, o que aconteceu, porque a Igreja estava brigando conosco, porque monsenhor Eduardo queria vender a Igreja. Isso foi no tempo do Monsenhor Eduardo. Naquela época [década de 1970] ele era o responsável pela Igreja e ele estava querendo vender a Igreja, e o pessoal começou a pegar em cima para não vender. Esse pessoal, o finado Sr. Elias, o finado Zé Rafael, todos que faziam parte da diretoria na época pegaram em cima, deixaram os documentos tudo em ordem, e conseguiram não vender.³⁵

Os conflitos no Congado de Uberlândia instigaram-me a buscar um pouco do que é possível saber sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito por meio de personagens que não diria “propositalmente esquecidos” e sim, possivelmente ausentes, que permitem possibilidades de outras interpretações, muitas vezes perceptíveis nas entrelinhas de documentos, nas “vozes silenciosas” de uma imagem, nos testemunhos involuntários que deixam transparecer fatos nem sempre acessíveis.³⁶

³³ CASSIMIRO, Francisco. Entrevista, 07/12/2010.

³⁴ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 324.

³⁵ JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista com o senhor Rubens Assunção, realizada em 11/12/1987. Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia.

³⁶ Interessa-me, deste modo, uma história cultural, conforme propõe Roger Chartier, ao considerar que essa história deve ser entendida “como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”, distanciando-se assim, de uma “antiga idéia que dotava textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único [...] às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo”. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990, p. 27.

Uma relação de conflito mais generalizada entre os grupos de Congado e a Irmandade refere-se à alteração da data da festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, que a partir do ano de 2003 passou a ser realizada no mês de outubro e não mais em novembro, como já era tradicionalmente realizada há 90 anos. Uma reportagem de jornal com o título de: “Mudança do dia da festa causa indignação,”³⁷ pressupõe que a “indignação” é dos grupos em relação à Diocese de Uberlândia, mas o conflito maior se deu no âmbito da Irmandade em relação aos grupos, como mostro a seguir. A repulsa de que tratava o registro do jornal se referia à mudança de calendário da manifestação:

A festa que tradicionalmente acontece no segundo domingo de novembro, neste ano, foi antecipada para os dias 05 e 06 de outubro, o que gerou polêmica entre os grupos. [...] a polêmica em relação à mudança da festa foi provocada por uma determinação da Diocese de Uberlândia, em função de 2003 ser o ano do Rosário.³⁸

No sentido de justificar a mudança, o representante da Diocese, Padre Olimar Rodrigues, apresenta sua visão sobre o retorno da Festa para o mês de outubro.

Nós fizemos essa mudança, para esse ano, “sobretudo”, devido ser o mês de outubro, o mês de Nossa Senhora do

Rosário e de São Benedito, numa tentativa de trazer novamente a união da liturgia com a manifestação popular. De maneira nenhuma foi uma atitude nossa como padre ou da Igreja que quis mudar, colocamos em assembleia com todos os capitães presentes e o Presidente da Irmandade que acharam por bem fazer essa mudança como uma experiência esse ano para ver como é que fica.³⁹

Para a Igreja, apenas ocorreria uma tentativa de voltar a vincular a festa com a devoção em data celebrada no calendário católico de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário⁴⁰ em 05 e 07 de outubro, respectivamente. Essa justificativa de reaproximação da liturgia com o ressoar dos tambores, como se antes tal envolvimento não existisse, trata de um discurso político do Padre Olimar Rodrigues, pois na realidade não se tratava de uma experiência e sim de uma decisão que havia sido construída no ano de 2002.

Para a Irmandade – diretoria executiva – uma oportunidade de retornar ao que considerava antes ser a data

³⁹ Responsável pela Igreja Matriz de Santa Terezinha e pela Paróquia Igreja Nossa Senhora do Rosário, respondendo a questionamentos sobre a mudança da festa., 05/10/2003. Acervo do pesquisador.

⁴⁰ A Festa de Nossa Senhora do Rosário foi instituída a partir de 1572, no dia 07 de outubro. O motivo se refere ao Papa Pio V, que após conseguir deter a expansão do Império Turco na Batalha de Lepanto, dedicou a vitória a Nossa Senhora do Rosário, por acreditar que teria sido um milagre da santa. Por isso, em 1572, decretou 07 de outubro como o dia da Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário. Cf.: POEL, Francisco Van Der. *O rosário dos homens pretos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, p.61- 62.

³⁷ Fonte: Jornal Correio, 06/10/2003.

³⁸ Fonte: Jornal Correio, 06/10/2003.

correta – mês de outubro, tendo em vista os discursos de memória da primeira mudança da Festa do Congado, no ano de 1917, que apresentam várias versões⁴¹ entre as quais destaco a do ex-capitão Manoel Saturnino Rodrigues, do Moçambique de Belém:

Aliás, essa festa era em outubro, mas como depois foi registrada a Irmandade dos Homens de Cor de Uberlândia, surgiu a Irmandade dos brancos que é lá da Catedral. Aí, ficou combinado que fazia a Festa do Rosário em novembro e fazia a festa dos brancos em outubro porque era só interno. Agora a festa nossa como era interna e externa, ficou para novembro, mas ela era mesmo em outubro.⁴²

Ao focar a questão interna e externa como diferencial da festa da Irmandade dos homens de cor em relação à festa da Irmandade dos brancos, Manoel Saturnino Rodrigues deixa subentendido que as características principais das duas celebrações são diferentes. Enquanto a Irmandade de Nossa Senhora dos brancos, na realidade – Irmandade do Rosário Perpétuo – possui uma estruturação interna, que deduzo

seja: Missa, novena e quermesses (leilões e barraquinhas), os festejos da Irmandade dos homens de cor, ao contrário, apresentam diferentes ritualidades.

Esses outros ritos caracterizam o aspecto externo do Congado: Encontro de centenas de dançadores; Coroação de Reis Congo e Rainha Conga, homenagens a Rei Perpétuo e Rainha Perpétua; diversidade cultural e religiosa: católicos, candomblecitas, umbandistas, espíritas, capoeiristas, sambistas e adeptos das folias de Reis; realização de missa e procissão com a participação dos grupos de Congado; realização de ensaios, leilões e terços durante quarenta dias antes dos festejos finais; participação de grupos de outras cidades; almoço e jantar em todos os quartéis – locais de recepção dos dançadores e espectadores, em Uberlândia, geralmente, são as residências dos capitães e capitãs dos grupos; levantamento de mastros com Imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito; visitas recíprocas dos Ternos e desfile de despedida.

Para os grupos de Congado e os congadeiros, a mudança significava uma perda de tradição, pois defenderam em várias reuniões que as suas memórias de tradição estavam forjadas com a festa do Congado no mês de novembro. Além disso, a indignação dos capitães em relação à Irmandade se devia ao fato de que 24 deles – exceto Ramon Rodrigues do Moçambique de Belém – haviam assinado uma reformulação estatutária no ano de 2002 e

⁴¹ Para mais desse assunto ver a monografia de graduação: BRASILEIRO, Jeremias. *Congado em Uberlândia: espaço de resistência e identidade cultural*. 1996-2006. Monografia (Graduação em História) Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p. 39 - 42.

⁴² Conhecido popularmente como Siricoco, apresenta uma versão da festa alterada em 1917, durante debate realizado em 06/11/1984, na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia. As transcrições das entrevistas se encontram na Diretoria de Assuntos Afroraciais de Uberlândia/Secretaria de Cultura.

em um dos artigos constava, então, a alteração da data da festa para o mês de outubro a partir do ano vindouro, ou seja, 2003.⁴³ A maioria dos capitães se defendia afirmando que havia assinado o documento sem ter tido conhecimento – ou melhor, lido o estatuto – exigindo que a Diocese revisse a mudança de data da festa, o que não ocorreu, haja vista ter tido o consentimento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

Diante do exposto, noto que é nas funções da memória social que pode, de repente, aparecer uma “justificação sobre a legitimação de ações no presente com referência ao passado”.⁴⁴ Quando Raphael Samuel afirma que a memória é “historicamente condicionada, mudando de cor e de forma de acordo com o que emerge no momento, de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração a geração”,⁴⁵ percebo como a necessidade de justificação da existência da Irmandade no presente revela que a institui-

ção está em permanente construção, ainda que esteja se aproximando de um século de sua existência institucional.

A construção da Igreja do Rosário: divergências de memórias

Outro acontecimento interessante que também envolve uma disputa de memórias é o da construção da atual Igreja do Rosário e os discursos sobre os diversos e diferentes protagonistas de sua edificação. A Igreja é símbolo de persistência dos congadeiros e da Irmandade, cenário de disputas, lutas contra os preconceitos e que por isso sofreu deslocamentos, desde a sua primeira edificação nos fins do século XIX. Esta análise resulta também da forma como apreendo o discurso de Rubens Assunção, sobre a persistência da festa do Congado no centro da cidade de Uberlândia, que vem ao encontro de outras narrativas coincidentes que possibilitam tecer alguns comentários para caracterizar o atual espaço da Igreja do Rosário. De acordo com o entrevistado,

Quando os nossos antepassados realizavam os nossos festejos que era ali na praça dos bambus (Praça Tubal Vilela), depois lá na Praça Dr. Duarte aonde ia se construir a igreja e ali era o comércio, a parte ali para baixo do “Fundinho” era o comércio, o que é que o pessoal da época fez, pegaram-se os negros e colocaram para fora da cidade, no alto, onde é a Igreja do Rosário hoje, ali era um fundo de fazenda dos “Pereiras”. Nós não temos culpa da nossa igreja hoje estar no hipercentro,

⁴³ O art. 31 do Estatuto da Irmandade do Rosário, aprovado em 23 de julho de 2002, estabelece o seguinte: “a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a partir do ano de 2003, ocorrerá sempre na primeira quinzena de outubro, próxima aos dias 05 (cinco) e 07 (sete), respectivamente, festividades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em conformidade com o calendário litúrgico da Igreja Católica Apostólica Romana”. Acervo do pesquisador.

⁴⁴ BURKE, Peter. História como memória social. BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 80-81.

⁴⁵ SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto história*, n. 14, São Paulo, Educ, p. 41-81, fev. 1997, p. 44-45.

nós é que fomos jogados para fora da cidade, então nós temos que ficar é ali (Informação verbal).⁴⁶

Essas considerações são elencadas a partir do uso da imagem 02 que retrata o início da construção da igreja⁴⁷ sendo as vigas de sustentação oriundas do distrito de Miraporanga, os homens perfilados, trabalhadores, mas vestidos para que fossem fotografados, o chão todo trincado, local que era rota de carro de boi, uma espécie de estacionamento, para se chegar ao setor comercial (atual Praça Clarimundo Carneiro).

O local da construção, segundo Francisco Cassimiro, “era matagal e terra, vassouras e barro, muito barro; daí essas tábuas, que é por causa do barro e da chuva, fizeram isso para andar sobre o terrão vermelho que havia ali, e lá no fundo a gente vê a fachada da igreja”.⁴⁸ Esse novo endereço da Igreja do Rosário (atual Praça Rui Barbosa) foi pensado no sentido de distanciar as manifestações do Congado do então conhecido Largo do Comércio, nas imediações da Praça Clarimundo Carneiro, conforme já apontado por Rubens Assunção. Desse modo, Lopes avalia que naquele momento, as dimensões urbanísticas da cidade no final do século XIX contribuía para que a nova igreja ficasse distante do limite urbano:

a cidade de Uberabinha terminava na cerca do cemitério, ou seja, na atual Praça Clarimundo Carneiro, e o templo religioso foi construído em terrenos que se localizavam depois do cemitério, portanto, rodeado apenas por chácaras, estradas e cerrado.[...] somente em 1930, o prédio atual da Igreja do Rosário foi pensado e concretizado com a colaboração da população local. A imprensa publicava que esta nova edificação com uma arquitetura imponente estava mais condizente com a época e embelezaria a praça.⁴⁹

O contexto de época exemplifica que a mudança de local da Igreja tinha a ver com o preconceito racial latente, “brancos e negros, não frequentavam os mesmos espaços em cinemas, ruas ou clubes”.⁵⁰ No que concerne à imagem, uma das dificuldades foi a de não identificação de todos os personagens (quase todos já falecidos), o que não constitui entrave para seu estudo. Mais importante do que a identificação individual de todos os personagens é sua existência enquanto documento vivo de uma memória.

O deslocamento da Igreja do Rosário, símbolo de pertença, de espaço ritual e referencial do negro congadeiro em Uberlândia, assim como a memória que envolve a época, possuem um

⁴⁶ Rubens Aparecido Assunção durante reunião da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito em 22/06/2011.

⁴⁷ A fotografia é acervo da família de Francisco Cassimiro, personagem que nomina lugares e pessoas com muita lucidez e cujo depoimento foi de suma importância para este estudo.

⁴⁸ CASSIMIRO, Francisco. Entrevista, 12/12/2010.

⁴⁹ LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Uberlândia: racionalidade urbana, religiosidade e tradições culturais. ABDALA, Mônica Chaves; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). *Caleidoscópio de saberes e práticas populares, catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: EDUFU, 2007, 76-77.

⁵⁰ LOPES, op. cit., p. 76.

personagem que se tornou central na literatura, conhecido por Arlindo Teixeira - segundo versão do memorialista Antonio Pereira, publicada em periódicos da cidade na década de 1990, e posteriormente em livro, baseando-se na “tradição oral”, afirma o autor, que:

A memória registra que Arlindo não se sentia muito prestigiado com aquela igreja de negros defronte à sua casa que era no largo. Por outro lado, o povoado se desenvolvia subindo a barranca para tomar o planalto onde se assenta, hoje, o centro da cidade; a Praça Dr. Duarte já se transformava num centro comercial e aquela igreja bem ali no miolo além de reduzir espaços fazia da praça um reduto da negrada, principalmente nos seus dias festivos.⁵¹

As citações referentes a esse assunto levaram-me a pensar que poderiam existir outras versões, e não somente a que retrata uma situação de preconceito que a realidade de outros discursos já evidenciava. Na questão do evento referente à mudança de lugar da igreja, a partir das noções propostas por Ginzburg⁵² sobre a importância de se fazer uso do conhecimento indireto, indiciário, busquei nos testemunhos de arquivos outras vozes que, no mínimo, destoam de uma só variante que envolve o tema. Desta forma, o testemunho de Manoel Saturnino, membro da Irmandade, em meados da década de

1980, refere-se de modo diferente aos motivos que resultaram no deslocamento da Igreja do Rosário:

Um senhor viu que a festa ali não era adequada, era um político e na época seus correligionários vinham, dava tiro de garrucha, andava a cavalo e barro espirrava na beira da igreja. Então Sr. Arlindo chamou o padre João, falou com ele se ele num tinha um jeito de mudar a igreja, porque ali ele não gostava porque na época de política fazia muito barulho e não respeitava a santa que estava lá. O padre disse que precisava conversar com os negros que eles eram os pioneiros daquela capela e então o Sr. Arlindo Teixeira reuniu os negros, chamou eles, conversou, se eles queriam que mudasse a igreja dali, que ele achava que ali não dava certo, então os negros concordaram de mudar a capela para onde ela é hoje [...] o irmão do Sr. João Naves, Manoel Alves é que foi o tesoureiro, falou também no discurso (de inauguração) esse grande homem, o nosso saudoso professor Jerônimo Arantes, o Dr. Abelardo Penna e outras pessoas dignas de nossa cidade.⁵³

O raciocínio de Manoel Saturnino acompanha os da tradição oral, relatados por Antonio Pereira e que se tornaram citação, constante, de quase todas as pesquisas que exploram esse assunto. A diferença é que Saturnino coloca os congadeiros como participantes da mudança ao serem consultados pelo

⁵¹ PEREIRA, Antonio. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: S. Editora, 2001, p. 88.

⁵² Cf. GINZBURG, 1989.

⁵³ JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada com Manoel Saturnino Rodrigues (Siricoco), durante debate realizado em 06/11/1984, na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia. Cópia, acervo do pesquisador.

padre João, ao mesmo tempo que suas memórias trazem à tona os acontecimentos políticos e religiosos, públicos e de foro íntimo que levaram Arlindo Teixeira a tomar a atitude para que a Igreja do Rosário ficasse na região que outrora era o lugar fronteiro da cidade, o fundo de fazenda “dos Pereiras”. Noutro contexto, o memorialista Tito Teixeira informa que o farmacêutico Cícero Macedo de Oliveira, tendo construído sua residência nos fundos da então Igreja do Rosário (situada na atual Praça Rui Barbosa) teve “a iniciativa de levantar no mesmo local uma nova igreja, mas com a sua frente voltada para o norte – sentido Avenida Floriano Peixoto, Afonso Pena – e de aspecto condizente com a época, embelezando a praça”.⁵⁴

Essa segunda construção, inaugurada em julho de 1931 pelo Cônego Albino Martins Figueiredo, revelaria o interesse do comerciante Cícero Macedo em dar também visibilidade à sua casa residencial que passou a fazer frente com a Igreja do Rosário, do modo como se apresenta na sua arquitetura atual. De um lado, se Tito Teixeira informa que a construção da igreja foi resultante do apoio do povo de Uberlândia sempre solícito, que contribuiu com meios financeiros destinados à edificação da igreja através de profissionais liberais e comerciantes como Cícero Macedo, Abelardo Pena, Arlindo Teixeira e Manoel Alves; por outro lado, um testemunho de Manoel Rodrigues (Siricoco), capitão do Moçambique de Belém, re-

força por meio da oralidade a participação da comunidade do Congado na construção dessa segunda Igreja:

Cada pessoa pagava destão por mês, é um mil réis. Então foi fazendo uma caixa e guardando aquele dinheiro e cada pessoa que vinha da roça vendia um carro de lenha aqui na cidade, porque naquela época não tinha caminhão, então a pessoa trazia um carro de lenha do mato, chegava aqui, se ele vendia o carro de lenha por doze mil réis, dois mil réis ficavam pra construção da Igreja do Rosário. O Sr. Manoel Alves é que foi o tesoureiro, ele é que coordenou todo esse movimento.⁵⁵

Para Tito Teixeira, o tesoureiro Manoel Alves, “pela sua dedicação (...) passou a ser idolatrado pelos homens de cor componentes das tradicionais festas, sendo sua residência ponto de convergência dos grupos de Congadeiros e Moçambiqueiros e onde faziam o seu lanche”,⁵⁶ ou seja, distinção social e poder político em consonância com a dedicação à festa tornaram Manoel Alves o primeiro festeiro de Nossa Senhora do Rosário na nova igreja e também tesoureiro até a sua morte em junho de 1961.

Compreendo que trechos, recortes de memórias, exaustivamente repetidos podem criar nos sujeitos a ideia de que de repente “algo” possa ter realmente existido, da forma como no presente se conta, sem se levar em consideração

⁵⁴ TEIXEIRA, op. cit, p. 180.

⁵⁵ JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada com Manoel Saturnino Rodrigues (Siricoco), durante debate realizado em 06/11/1984, na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia. Cópia, acervo do pesquisador.

⁵⁶ TEIXEIRA, op. cit, p. 18 -182.

que esse “algo” nem sempre foi como é atualmente. Nesse viés é que o uso da oralidade é relevante para entender esses discursos, pois é na reunião de vários testemunhos, entrecruzando-os ou não com fontes documentais, que se revelam as divergências de memórias possibilitando, dessa forma, a compre-

ensão de que os protagonistas da cultura popular, quando estão vivenciando conflitos e disputas por poder, também forjam seus relatos de memórias que muitas vezes servem de contraponto à criação de uma realidade única formalmente anunciada como aquela que de fato aconteceu.

Imagem 02 - Igreja do Rosário em construção, 1929.⁵⁷



CASSIMIRO, Francisco.
Fonte: Acervo do pesquisador.

Imagens 3 e 4 - Igreja do Rosário nas cores azul e amarela.



NUNES, Daniel, 2002 e 2005. Acervo do pesquisador.
Fonte: Acervo do pesquisador.

⁵⁷ O 6º trabalhador, da esq/direita, segurando uma alabanca (instrumento) e usando chapéu preto, é Jesus Cassimiro (conhecido como velho Zuza), pai de Francisco Cassimiro; o 4º personagem da esq/direita, usando camisa xadrez e tendo às mãos uma passeta (atual colher de pedreiro), é o Sr. Olivio Zacarias, avô de Enildon Pereira, do catupé Azul e Rosa. Ao centro, de batina preta, está o padre Albino, um dos protagonistas da construção da Igreja do Rosário. Quanto aos outros personagens, mesmo com inúmeras tentativas, ainda não foi possível identificá-los. Olivio Zacarias participava do Congado na cidade desde o ano de 1908 e no início da década de 1930 já era dançador no Congo de Sainha.

Depoimentos

ASSUNÇÃO, Rubens Aparecido. Coordenador de eventos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, jun. 2007; mar. 2010.

CASSIMIRO, Francisco. Ex-dançador do extinto Congo Boa Esperança, out. 2010.

RODRIGUES, José. Dançador do Mocambique de Belém, nov. 2000.

NASCIMENTO, Deny. Entrevista, 10/11/2010.

Fontes

Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Uberlândia, nov.1916; jun. 1916; nov. 1917; jun. 1918; mar. 1929; abr. 1931; nov. 1931; agos. 1947; set. 1952; nov. 1959. Acervo do pesquisador.

Atas da Irmandade do Rosário Perpétuo. Igreja Matriz de Santa Terezinha de Uberlândia. Nov.1937. Acervo do pesquisador.

Jornal Correio de Uberlândia, 06/10/2003.

JUNQUEIRA, Márcia. Transcrição de entrevista realizada com Manoel Saturnino Rodrigues (Siricoco), durante debate realizado em 06/11/1984, na Biblioteca Pública Municipal de Uberlândia.

Referências bibliográficas

CARMO, Luiz Carlos. *Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960*. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica - PUC/ São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Júlio César de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central: história da criação do município de Uberlândia*. Uberlândia: Uberlândia Gráfica LTDA, 1970.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [Etal.] - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Fernanda. *Negros em movimento: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais (Uberlândia/1984-2000)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós Graduação em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

OLIVEIRA, Mirtes C. Marins de. Sobre as (im) possibilidades da fotografia como fonte primária em história da educação. *História do tempo presente*.

JUNIOR, Gilson Pôrto. (Org.). Bauru, SP: Edusc, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. Uberlândia: racionalidade urbana, religiosidade e tradições culturais. ABDALA, Mônica Chaves; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). *Caleidoscópio de saberes e práticas populares, catálogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: EDUFU, 2007.

PEREIRA, Antonio. *As histórias de Uberlândia*. Uberlândia: S. Editora, 2001.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. *Foi assim que me contaram: a recriação dos sentidos do sagrado e do profano na festa do congado de Nossa Senhora do Rosário-Catalão - GO, 1940 - 2003*. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2009, 248f.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto história*, n. 14, São Paulo, Educ, p. 41-81, fev. 1997.